

“ESPELHO, ESPELHO MEU”: OS CONTOS DE FADA COMO MARCADORES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Autora: Laurinda Joana Celerino Silva; Co-autora: Jussara Natália Moreira Bélens

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – laurindajoanacelerino@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB – jussarabelens@gmail.com

Resumo: Os contos de fadas são de grande importância para a educação infantil. Visto que são histórias que lidam com sentimentos e emoções criadas para amparar a vida imaginária das crianças, porém, segundo Bettelheim (2007, p. 34) é uma literatura que encaminha a criança para descobrir sua identidade. Problematicamos, portanto, como os contos de fadas infantis influenciam na construção da identidade de gênero, que é socialmente e culturalmente construída e aprendida. Objetivamos, neste trabalho, avaliar como os contos de fadas infantis induzem a construção da identidade de gênero entre alunas/os da educação infantil. Tivemos contribuições teóricas advindas da psicanálise dos contos de fada (Bruno Bettelheim, 2007), sobre gênero e sexualidade (Guacira Lopes Louro, 1997) e corpo educado (Guacira Lopes Louro, 2000). Metodologicamente, a intervenção foi desenvolvida através de uma análise de pesquisa bibliográfica, seguindo as etapas de estudo de artigos periódicos e livros que discorrem sobre contos de fada e identidade de gênero. Os resultados apontam que as crianças se identificam com as narrativas infantis por abordar temas característicos aos seus problemas da vida real, por isso o motivo do desejo de ser como os personagens fictícios, pois as historietas carregam com se significados relevantes para a criança, lhes propiciando um alívio para a mente.

Palavras-chave: Contos de fadas. Identidade de Gênero. Educação Infantil.

Introdução

Por que os contos de fadas se denominam assim? O vocábulo fada tem origem no termo latino “*fatum*”, cuja definição original é destino. Que significa a possível realização de um sonho ou de ideais. Nas histórias as fadas possuem poderes sobrenaturais. São boas e interferem na vida dos personagens, ajudando-os nas situações difíceis, realizando os seus desejos. Como por exemplo no conto de Cinderela, que deseja ir ao baile do príncipe, mas sua madrasta não permite, além de não possuir vestido ou sapato adequado e recebendo assim ajuda da sua fada madrinha.

Os contos de fadas são historietas fictícias que acontecem em um mundo mágico, cheio de fantasias, com príncipes, princesas, fadas, animais e envolvem emoções como ciúme, inveja, ódio, medo, ambição, rejeição e decepção, mas com o intuito que as crianças se identifiquem com esses sentimentos, subjetivando-os e reproduzindo-os em suas práticas cotidianas.

Pois: “O conto de fadas procede de uma maneira consoante ao caminho pelo qual uma criança pensa e experimenta o mundo; por esta razão os contos de fadas são tão convincentes

para ela. Ela pode obter um consolo muito maior de um conto de fadas do que de um esforço para consolá-la baseado em raciocínio e pontos de vista adultos. Uma criança confia no que o conto diz por que a visão de mundo aí apresentada está de acordo com a sua” (BETTELHEIM, 2002 p.59).

Desta maneira os contos são de grande importância para a construção da identidade de gênero, por serem culturalmente construídos e subjetivados. Desse modo, temos como objetivo analisar como os contos de fadas influenciam na construção da identidade de gênero entre alunas da educação infantil de uma escola pública na cidade de Aroeiras - PB, como as crianças se identificam com os personagens e de que forma modificam os seus comportamentos ao viajarem por meio da imaginação.

Já que pretendemos reconhecer a identidade – aquilo que o sujeito é – e, ao mesmo tempo, estabelecer o que ele não é – a diferença. Desejamos afirmar, com segurança, que o sujeito é isto, e, conseqüentemente, ele não é aquilo... Assumindo esta perspectiva determinista, supomos que as marcas são dadas e que a sua presença (ou ausência) indica a identidade.

E, assim, deixamos de problematizar, exatamente, as tais marcas... esquecemo-nos que os corpos são significados, representados e interpretados culturalmente, que diferentes sociedades e grupos atribuem significados também diferentes às características físicas: que determinados traços ou características podem ter importância, serem considerados notáveis e, então, constituírem-se em marcas definidoras, ou, ao contrário, permanecerem banais, irrelevantes (LOURO, 2000,p. 90).

Louro informa sobre as marcas, e que através delas é possível indicar a identidade, por ser culturalmente e socialmente construída nos corpos, seja pela forma como cada um deve ser, se comportar ou se vestir.

A metodologia utilizada no artigo se constitui em uma pesquisa bibliográfica Para auxiliar na construção da análise, utilizamos contribuições teóricas de autores, como: Bruno Bettelheim (2007) relatando sobre os contos de fadas, e Guacira Lopes (1997 e 2000) descrevendo sobre gênero, sexualidade e as formas como o corpo é educado.

Por fim, dado que a escola opera na formação da identidade gênero do/a aluno/a, busca-se identificar de que maneiras as/os professoras/es trabalham as narrativas das/os alunas/os com relação as subjetividades de gênero construídas ao trabalharem os contos de fada com as crianças da educação infantil.

Referencial teórico

Os contos de fadas surgiram há milhões de anos, mas não eram de fadas, nem destinados a crianças, pois as historietas possuíam conteúdos sobre adultério, canibalismo e/ou incesto. Serviam para entreter os adultos nos seus encontros.

Foi na França, por volta do século XVII, que nasceram os primeiros contos infantis, adaptados por Charles Perrault, e modifico-os para o infantil no intuito de firmar a vida imaginaria das crianças. Foram oito contos reescritos conhecidos até hoje: O Barba Azul, Cinderela, A Bela Adormecida, As Fadas, Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, ou O Gato de Botas, O Pequeno Polegar e Henrique do Topete, mas só se destacaram no século XX.

Por serem narrados de forma lúdica, fascinaram e conquistaram a simpatia das crianças e adultos, uma vez que: Os contos de fada enquanto divertem as crianças, também esclarecem sobre si própria e favorece o desenvolvimento de sua personalidade. Visto que são histórias que prendem a atenção da criança, estimulando-lhe a imaginação, passando significados importantes para a mente consciente, á pré-consciente e a inconsciente (BETTELHEIM, 2007, P, 12).

Sendo assim, é perceptível que os contos ajudam na construção da identidade de gênero da criança, pois é um equívoco afirmar que a sexualidade é algo "natural", pertencente ao homem ou a mulher. Detectamos, então, lugares de gênero diferentes, existentes nas diversas culturas. Dado que sexo é referente ao biológico, e gênero é aquilo que identifica e diferencia os homens e as mulheres. Assim, de acordo com (LOURO, 2003, p. 11) “[...] a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política; [...] é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.”

Segundo (PIKUNAS, 1979) a fase da leitura do realismo mágico caracteriza-se entre a idade de dois e três anos. Referindo-se, portanto, a fase em que as crianças deixam-se levar pelas fantasias. O crescimento da imaginação é aos cinco anos, ou seja, na educação infantil, justamente o período em que as crianças começam a diferenciar o feminino do masculino, e na medida em que as crianças desenvolvem o conceito de gênero, manifestando valores certos e errados para tais. Como refletido na citação a seguir:

Os contos de fadas auxiliam as crianças a dar sentido para a vida por abordarem sobre questões humanas universais, como a solidão e a necessidade de se desafiar a vida por si só,

mas de uma maneira simbólica. Ao sugerirem soluções simples para problemas internos, as crianças identificam seus problemas com os das narrativas, sugerindo a criança imagens com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção a sua vida (BETTELHEIM, 2007, p. 14).

Temos como exemplo o conto da cinderela, que com a perda da mãe, o pai casa-se novamente e em seguida falece e, conseqüentemente, cresce com suas irmãs adotivas e sob os cuidados de sua madrasta, que há cada dia a tratam mais como empregada que como irmã. A influencia pode acontecer pelo fato da criança, ter perdido o pai e a mãe ou por ser tratada mal por alguém.

Várias coisas podem fazer com que o conto traga um significado para a criança. Pois, como diz o Poeta alemão Schiller: “Há um significado mais profundo nos contos de fadas que me contaram na infância do que na verdade que a vida ensina” (The Piccolomini, III, 4). Desta maneira, Os contos de fadas transmitem para a criança [...] que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provocações inesperadas e muitas vezes injustas, dominara todos os obstáculos e ao fim emergira vitoriosa.” (BUTTELHEIM, 2007, p. 15).

Como refletido na citação supracitada, é perceptível que as narrativas relatam para as crianças que elas passaram por dificuldades, mas que é preciso que sejam fortes para vencer. Conseqüentemente, o personagem se torna espelho para a criança, passando a moldar, os conceitos sobre o ser feminino e ser masculino e conseqüentemente o seu comportamento.

Os contos relatam que o príncipe (masculino) é forte, corajoso, elegante, romântico, guerreiro, cavaleiro e está sempre no controle de suas emoções. Enquanto que a princesa (feminino) deve ser dócil, gentil, amável, frágil, alegre, delicada, submissa, ou seja, demonstrar suas emoções, possuir descrição e algumas competências como cozinhar, limpar, isto é ser prendada.

Entretanto, é possível observar que os atributos manifestados desejáveis da subjetividade das princesas é próprio do que se espera dos comportamentos femininos instruídos social e culturalmente. É perceptível também que a beleza, se destaca em todos os/as personagens principais, principalmente nas mulheres, por ser a beleza física um marcador da estética da feminilidade.

Assim, a escola opera na formação de uma identidade de gênero, fixa e constituída como verdade universal. Sendo a literatura infantil um veículo de subjetivação de determinados comportamentos estereotipados sexualmente. Assim compreendemos os contos

de fada como estratégias de construção de um modelo de identidade de gênero culturalmente generalizado. Uma vez que é na educação infantil que estes contos são trabalhados. Desse modo, os compreendemos como fortes estratégias de construção de um modelo de identidade de gênero culturalmente massificada, pois:

A instituição educa o corpo, ensinando o auto disciplinamento, o investimento contínuo e autônomo sobre si mesmo, almejando um homem controlado, capaz de evitar "explosões" ou manifestações impulsivas ou arrebatadas, pois o homem "de verdade" deveria ser ponderado e conter os seus sentimentos. conseqüentemente a expressão de emoções e o arrebatamento seriam considerados, em contraponto as características feministas. (LOURO, 2001, p. 22).

Um exemplo de como a escola reproduz este modelo de gênero é pela forma como a professora educa seus alunos, definindo que jogar bola é apenas para meninos e que brincar de casinha é exclusivamente para meninas, sendo que se deveria incentivar que as crianças brincassem juntas, sem se preocupar com conceito de feminino ou masculino.

Desta forma, os professores tomam para si, a função de direcionar o comportamento sexual das crianças, assegurando que exerçam o padrão, definindo meninos como agitados, diferentemente das meninas que são calmas, organizadas e caprichosas e quem desviar-se é apresentado como anormal. Sendo um conceito que se impregnou na sociedade de que os meninos são agressivos e as meninas são meigas.

São verdades reforçadas no convívio social, no cotidiano da sala de aula, influenciando os comportamentos e as ideias das crianças. A metodologia utilizada pelas/os professoras/es de educação ao lerem os contos de fada, reforçam valores éticos e morais que influenciam as relações e os lugares de gênero, construídos na infância, difundindo-se na vida adulta.

Desse modo, é preciso trabalhar os contos de fada refletindo sobre os lugares e as imagens de homens e mulheres, apresentadas nestas literaturas, problematizando os conceitos ali apresentados e difundidos na sociedade.

Assim como afirma (LOURO, 1997, p.64) “é indispensável questionar não apenas o que se ensina, mas o modo como se ensina e que sentidos os alunos dão ao que aprendem”.

Metodologia

Constitui-se em uma análise de pesquisa bibliográfica, que propicia uma nova perspectiva, com a finalidade de agrupar informações e dados que irá amparar a organização

do estudo sobre o tema adotado para este artigo. Compreendendo que a listagem bibliográfica é realizada com o alicerce da análise de fontes secundárias que discorrem de diversas formas sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, et al., 2008).

Esta pesquisa, se desenvolvesse do seguinte modo: 1) analisar a influência dos contos de fadas na construção da identidade de gênero entre crianças da educação infantil, 2) Verificar como meninos e meninas da educação infantil se identificam com os personagens dos contos de fadas, 3) Identificar de que maneira os comportamentos de meninos e meninas são modificados pelas influências dos contos de fadas.

Considerações finais

Considerando que, o principal objetivo do nosso trabalho é analisar como os contos de fadas influenciam na construção da identidade de gênero nas crianças da educação infantil, concluímos então que, as crianças se identificam com os contos de fadas por tratarem de assuntos semelhantes aos seus problemas da vida real, e por este motivo as crianças desejam ser parecidas com as/os personagens, pois eles/as, mesmo com todos os obstáculos conseguem vencer a batalha no final. Essas historietas trazem significados importantes para a criança, lhes proporcionando um alívio para a mente,

Assim, o/a professor/a deve ter o cuidado com a forma que se trabalha estes contos de fadas, e como as crianças estão interpretando o que se aprende, pois eles influenciando na construção da identidade de gênero, lhes proporciona conceitos de feminino e masculino, ou seja, moldando os seus comportamentos, delimitando os lugares socialmente ocupados pelos sujeitos sociais.

Entretanto a escola deve ser o espaço em que se desconstrua conceitos estereotipados, trabalhando os contos de fadas de forma pedagógica, propondo situações que ajudem a desenvolver o pensamento crítico sobre os estereótipos apresentados pelas narrativas, possibilitando as crianças perceber que o homem ou mulher vai muito além das características essencialistas retratadas pelos contos ou pela sociedade: nem todo príncipe (homem) precisa ser corajoso, do mesmo modo, que nem toda princesa (mulher) tem que ser frágil.

Trazendo para o dia-a-dia, que menina pode brincar de bola como o menino e com o menino, e que o menino pode brincar de casinha como a menina e com a menina, produzindo a equidade, isto é, respeitando as diferenças de gostos, desejos e comportamentos entre sujeitos sociais.

Da mesma forma, também deve-se discutir com os pais, as mães e responsáveis dos/as alunos/as, pois a criança não nasce com os conceitos já estabelecidos, eles são construídos, principalmente pelas concepções dos/as familiares, sendo necessárias promoções de palestras, rodas de conversas, dentre outras estratégias educativas o repensar sobre verdades absolutas sobre os lugares de gênero. Pois, muitas ideias que são destruídas em sala de aula, se refazem em casa.

Referencias

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas** – 34º ed. – Rio de Janeiro / São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PIKUNAS, J. **Desenvolvimento Humano**. 3 ed. São Paulo: Mc Grau – Hill do Brasil. LTDA, 1979.

LOURO, Guacira Lopes (org.). WEEKES, Jeffrey. BRITZMAN, Deborah. HOOKS, Bell. PARKER, Richard. BUTLER, Judith. **O Corpo educado. Pedagogia da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica 2003

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte, autêntica, 2001, p. 22.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte / MG, Autentica editora. 2000

LOURO, Guacira Lopes / **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós – estruturalista** – Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MOTTA, Andréa - **O que são os contos de fada? / conversa de português** – 15.02.2012.

CHIARA, I. D. et al. **Normas de documentação aplicadas à área de Saúde**. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2008.



BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil.** Universidade de Brasília - UnB, Faculdade de educação – FE. Brasília – DF. 2015.

BASTOS, RODOLPHO Alexandre. NOGUEIRA, Joanna Ribeiro. **Estereótipos de gênero em contos de fada: uma abordagem histórico-pedagógica.** Universidade Estadual de Montes Claros. 2015